

AUTOR BEST-SELLER COM MEIO MILHÃO DE LIVROS VENDIDOS

FRED ELBONI

*Olhos de
Mariana*

ROMANCE



Olhos de Mariana

Fred Elboni

OLHOS DE MARIANA

Copyright ← Fred Elboni 2018
Edição Digital

Todos os direitos reservados ao autor Frederico Elboni.
É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte desta obra sem o consentimento por escrito do autor.

Edição e Revisão: Alessandra J. Gelman Ruiz/Authoria
Agência Literária & Stúdio

Capa: Hanna Oliveira

Publicado exclusivamente em versão digital pelo Kindle
Direct Publishing

São Paulo, setembro de 2018

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

Capítulo 1

- Seu Jair, o senhor tem certeza de que isso vai dar certo?
- Vai sim, Mariana! Artista tem que arriscar! Confia em mim...
- Ah, mas será que a gente vai conseguir combinar seu estilo com o meu? Será que não vai ser uma confusão no fim?
- A gente precisa ser flexível, precisa saber se adaptar. Você vai ver que dá certo sim. É exatamente por termos esses estilos diferentes que o resultado final fica interessante! Ah, acabou o amarelo-ouro... Mas eu acho que tenho mais. Você pode ver naquele armário do corredor, por favor?
- Naquele com a porta quebrada?
- É, acho que está no canto de baixo, à direita, com as outras tintas... perto de onde eu guardo os pincéis chatos velhos...

Eu já andava pela casa-ateliê de pintura do seu Jair, abrindo portas e armários com tanta familiaridade, que até parecia que eu morava lá. E naqueles últimos dias eu praticamente estava morando mesmo, depois que ele propôs que começássemos um projeto meio maluco de pintar um quadro gigante a quatro mãos, com um continuando os traços e pinceladas do outro. Claro que eu topei. Como eu não aceitaria, vindo dele? Aquele senhorzinho de cabelos brancos, pele enrugada, mas mãos ainda incrivelmente firmes para seus mais de 70 anos tinha se tornado meu amigo, meu mentor, e até meu confidente...

- Acheeeeeiiii!! – gritei, para que ele tivesse certeza de que o nosso trabalho não ia parar por falta de amarelo-ouro.

Minha ligação com seu Jair começou de uma maneira muito improvável. Na verdade, tudo se iniciou com a minha ligação com a arte mesmo, muitos anos antes, quando eu era criança. Fui apresentada à pintura pela minha tia Silvia, que me mostrou esse mundo e me fez me apaixonar por ele. Se fosse por conta dos meus pais, eu nunca iria nem saber qual era a sensação de deslizar um pincel mergulhado em tinta sobre uma tela.

Em dias de chuva, ou naqueles em que minha mãe não tinha muita paciência com minha inquietação, que me fazia ficar bagunçando pela casa, ela me deixava no apartamento da tia Silvia, e eu amava! Íamos ao mercado, comprávamos coisas gostosas para comer, e ficávamos a tarde inteira pintando quadros ou pedaços de pano. Na verdade, *ela* pintava. Eu só tentava

rabiscar as telas que sobravam. A tia Silvia tinha esse dom incompreendido pela nossa família e gostava de pintar todas as coisas que via pela frente. E eu fui pelo mesmo caminho.

Desde muito pequena, eu já era “arteira”, no duplo sentido da palavra. Pintava, desenhava, rabiscava paredes, e todas as minhas bagunças envolviam tintas, pincéis, canetinhas e, quando não tinha essas “ferramentas” mais potentes, eu me divertia horas com giz de cera ou lápis de cor mesmo. Pintar sempre foi muito gostoso e desenhar para mim representa até hoje uma conexão profunda comigo mesma, e com tudo o que há de mais genuíno no meu ser. Mesmo que no início poucos conseguissem entender o que realmente havia por trás dos meus traços e tenham me incentivado a seguir na carreira. Por isso, sou muito grata primeiro à minha tia Silvia, que sempre me entendeu por sua alma de artista, e depois ao seu Jair, meu querido vizinho.

– Mariana, é incrível como você faz olhos bem! Você é ótima com esboços, mas quando você põe as tintas, eles ganham uma dimensão, uma luz, uma expressão que tem uma força e uma magia impressionantes!

– Obrigada, seu Jair. Eu sempre gostei de pintar olhos, porque eles são difíceis! Eu sempre fui muito intrigada com eles, sabe? Eles têm uma textura nada fácil de reproduzir, e cada pessoa tem sua personalidade que passa por eles, que se expressa no olhar, e que eu fico querendo captar e transmitir nas minhas pinturas. Parece que existe uma magia nos olhos que a gente não consegue alcançar.

– Verdade Mariana! Mas eu acho que você consegue captar muito bem sim! Os olhos que você pinta são mágicos! – ele me falou com um sorriso nos lábios. E nos olhos.

Antes de eu conhecer seu Jair, ele era apenas “o artista” que morava em uma casinha meio esquisita perto da minha, daquelas pelas quais a gente passa e se pergunta “Nossa, quem mora aqui?”. Era uma casa um pouco tenebrosa, com um jardim malcuidado, com a pintura da fachada toda descascando, e o número que mal aparecia por estar tampado pelos arbustos sem cortar. Mas sempre que passava pela frente, avistava pela vidraça sem cortina aquele senhor misturando as tintas e aplicando concentradamente na tela, que eu não conseguia enxergar, e ficava morrendo de curiosidade para saber qual desenho estava se formando. Eu ficava imaginando mil histórias na minha cabeça sobre aquele homem, aquela casa e aqueles quadros. E pensava em como seria bom estar lá com ele pintando.

Seu Jair era uma figura até folclórica da rua, e eu cresci sem nunca ter conversado com ele. Mesmo porque eu era meio tímida quando criança e não falava muito com quem não conhecia. À medida que fui crescendo, fui deixando de ser tão “bicho do mato”, como dizia a minha mãe, e aprendi a interagir um pouco mais com as pessoas, e às vezes até um pouco demais...

Um dia, quando eu tinha 17 anos e estava para prestar vestibular, decidi que queria transformar minha vocação em profissão e pensei em me inscrever para artes plásticas. Fui entusiasmada comunicar a decisão aos meus pais, esperando os mesmos sorrisos de aprovação que eles faziam quando eu era criança e mostrava minhas criações, mas o que recebi foram discursos de censura e crítica.

– Mariana, você está maluca? Artes plásticas?!? Isso é coisa pra gente rica, isso é hobbie, passatempo! Não é profissão para se ganhar dinheiro e se aprumar na vida! – foram as primeiras palavras de “incentivo” do meu pai.

– Mas pai, essa é a minha paixão! É isso o que eu gosto de fazer, o que eu faço bem! Eu tenho talento, eu sei que eu tenho!

– E desde quando paixão enche barriga? Desde quando talento pra pintura paga boleto, Mariana?! Arte não dá dinheiro.

– É que...

– Tânia, conversa com essa menina! Eu falei que sua irmã encheu a cabeça dela com bobagem incentivando essa brincadeira de pintura! – ele falou com minha mãe, já parecendo nervoso.

– Filha, ouve seu pai... – minha mãe começou a dizer, já sendo interrompida por meu pai, como sempre.

– Pai, eu sei que eu posso viver sendo artista plástica! Eu vou conseguir vender meus quadros, eu posso vender fora do país, inclusive, onde pintura é mais valorizada, inclusive eu tenho uma amiga que conhece um marchand...

– Mariana, e como é que você vai pra fora do país sem dinheiro? Olha, faz uma coisa: pensa bem, tem alguns dias ainda até a inscrição do vestibular, esfria a sua cabeça. Você não precisa parar de pintar, eu não vou te proibir, mas avalia outras profissões que vão te dar futuro, minha filha. Esquece isso e vai fazer outra faculdade.

– Mas pai, eu v...

– Chega, Mariana! Eu tô com dor de cabeça, outra hora a gente conversa disso. Tânia, pode por a comida na mesa! – disse meu pai, encerrando o

assunto.

– Eu vou dar uma volta – falei meio sem pensar.

– Onde você vai, filha? Vou por a almoço agora... – minha mãe falou desapontada.

– Ah, vou esfriar a cabeça, ele não falou pra eu fazer isso? – falei provocativa. – Vou por aí, sei lá, na padaria... – peguei minha mochila sem nem pensar direito e abri a porta da rua.

Eu estava com muita raiva, muito irritada, e ao mesmo tempo bem triste. Saí para andar porque não aguentaria ficar olhando para meus pais naquele momento, compartilhando uma refeição como se fôssemos uma família feliz. Ser artista e dividir seu coração com quem não sabe a grandeza da arte é dar murro em ponta de faca. E eu já estava cansada de machucar minha mão socando pontas que me feriam e me faziam sangrar tanto, há tanto tempo.

Cada passo que eu dava naquela calçada esburacada e malcuidada, olhando para baixo e pensando que ninguém se importava em consertar as imperfeições daquele caminho, era como uma batida triste no meu peito, que não via saída para uma situação tão angustiante. Meus pais nunca iriam entender e aceitar. Nunca iriam ME entender e aceitar. Como era possível que meus sonhos não tivessem espaço na minha própria família?

Entrei na padaria para comprar qualquer coisa só para ter uma desculpa para minha fuga. Pedi três pãezinhos e um bolo de cenoura, que é meu favorito, mesmo que eu não seja tão fã de doce assim. Paguei, saí e já estava voltando pela rua da minha casa quando, de repente, vi seu Jair atravessando a rua e indo em direção à casa dele. Em uma daquelas minhas loucurinhas que surgem de forma súbita, tomei uma atitude meio repentina e resolvi que deveria conversar com ele e perguntar algumas coisas que andavam na minha cabeça havia muito tempo.

Passei rapidamente minha mochila nas costas, já que ela só estava pendurada em um dos ombros, segurei firme as sacolas da padaria e corri para tentar alcançá-lo. Ele andava devagar, com uma sacolinha plástica na mão.

Tudo bem que ele não era o maior exemplo de artista que eu já tinha visto. Na verdade, era somente um senhor que, pelo estado das roupas e da casa, parecia não ganhar muito dinheiro, que pintava quadros a que quase ninguém dava o devido valor e a quem todos, com olhar de repúdio, chamavam de “estranho” quando o viam caminhar na rua com aqueles trajes velhos e até

com alguns furinhos de traça. Mas quem era eu para julgar alguém que certamente tinha a mesma loucura que a minha?

Então, deixando as minhas preocupações bobas de lado, cheguei perto pensando que dividir um pouquinho do meu mundo com alguém que não me conhecia seria um alívio naquele momento. É bom conversar com quem que a gente não conhece, já que um desconhecido não vai tentar nos cobrar com expectativas de um futuro perfeito ou nos colocar em caixinhas. E mesmo não sendo alguém por quem eu tivesse muita admiração, até porque não o conhecia bem, e nem seu trabalho, queria ouvir como tinha chegado à decisão de viver da tão temida, sofrida e, por que não dizer, “assustadora” arte. Afinal, ele tinha feito na vida o que eu estava prestes a fazer.

Ao chegar perto daquele senhor, ainda um pouco esbaforida, falei, chamando-o:

– Seu Jair?! Oi, tudo bem? Posso falar com o senhor?

Ele se virou para trás, estranhando ser chamado assim, sem mais nem menos, no meio da rua, mas pareceu me reconhecer e foi gentil.

– Oi... Mariana né? Filha da dona Tânia...

– Isso, sim! Mariana. Sou filha da Tânia mesmo.

– Ah, tudo bem sim. E com você?

– É... tudo...

– Pois não? O que você quer conversar comigo?

– É... Bom, eu estou com uns probleminhas, algumas dúvidas de profissão, e acho que o senhor pode me ajudar...

– Eu, ajudar? Só se você esquecer o “senhor”... – ele disse com ar brincalhão, o que me deixou à vontade.

– Ah, claro, tudo bem... – eu disse sorrindo.

– Mas como eu posso te ajudar?

– É que, assim como o senhor, digo, *você*, tenho o sonho de viver de arte, de pintura, e quero fazer faculdade de artes. Eu me descobri nesse mundo artístico. O problema é que minha família não me apoia. Na verdade, nem acredita que isso seja um caminho, menos ainda que seja um bom caminho, e não estou sabendo lidar com isso... Metade de mim ama a arte, mas no fundo a outra metade fica com medo de se jogar e de meus pais estarem certos sobre isso ser só uma “brincadeira de fim de semana”, como eles costumam dizer.

- E por que você precisa tanto da aprovação deles?
- Bom... eu não preciso... Quer dizer, eu dependo deles por enquanto financeiramente, e quero mudar isso logo! Mas eu tenho medo de errar e depois ter que voltar atrás e dar a razão para eles, sabe? E ser obrigada a ouvir sermões dos quais, mesmo estando errada, eu sei que não sou merecedora.
- Hum, estou entendendo sua situação, Mariana. Vem, vamos entrar aqui em casa que a gente conversa melhor.

Capítulo 2

Chegamos até a porta e ele colocou a chave na fechadura e girou. Era engraçado, mas eu estava com uma sensação de ansiedade infantil, uma mistura de curiosidade com receio, já que eu ia entrar naquela casa meio “mal-assombrada”, que por tantos e tantos anos só vi de fora e só visitei com a minha imaginação.

Seu Jair me convidou para entrar e ir com ele até a cozinha. Puxou um banquinho antigo todo pintado por ele, obviamente, e me fez sentar, enquanto começava a fazer um café.

– Sabe, seu Jair, eu não sei... Eu me mostro decidida, mas por dentro, acho difícil ter confiança de viver um sonho, ainda mais eu sendo tão nova e sem ninguém para me dar um chão, ou para falar “Vai, se joga! Qualquer coisa estamos aqui!”.

– Mas por que você precisaria voltar atrás? – ele perguntou, enquanto jogava água quente no coador com pó e um aroma delicioso exalava dali.

– Ah, e se me faltar dinheiro? E se o curso não for o que eu imagino? E se eu tiver que ouvir para o resto da minha vida que eu fiz a escolha errada?

– E se... e se...

– O senhor... ops, *você* não teve medo de tudo isso?

– Claro que tive, Mariana. Mas, sabe, eu também não tive muita escolha... Açúcar ou adoçante?

– Açúcar mesmo.

– Aqui. – ele me disse, oferecendo o açucareiro para eu me servir.

– Obrigada! – falei, já misturando e tomando com cuidado um gole daquela bebida que estava bem quente, quase queimando, mas deliciosa.

– Olha, chega uma hora em que a arte pede você por inteiro. E, felizmente, não há como escapar. Mariana, a arte é algo que não se vive pela metade... A arte não combina com um pezinho em cada barco. Ninguém é meio artista, assim como ninguém é meio feliz. Ninguém ama só metade de alguém. Ou você ama ou não ama. Ou você é feliz ou não é. Ou você vive a arte com o coração, sem se importar com o que os outros vão pensar, ou ela não vive em você.

– Nossa! Que forte isso, seu Jair!

– O café ficou muito forte? Errei a mão?

– Não, está ótimo! – falei rindo – Foi o que o senhor falou mesmo. Que forte! Mas como eu vou saber se a arte vive em mim? – perguntei, já impactada com a visão daquele homem.

– Aposto que você já sabe que ela vive em você, Mariana. Só não tem coragem de admitir. Você pode abafar por um tempo, fingir que é um gosto passageiro, tentar esconder que você é o que é, mas, um dia, ela vem à tona. Se essa é a sua essência, por que não a viver de forma intensa?

– Sim... – minha cabeça estava borbulhando.

– E vou te dizer só mais uma coisa: não tem como a gente viver os nossos sonhos sem deixar de desapontar as expectativas que os outros têm de nós.

– *Caral...amba!* – o palavrão quase saiu, mas me segurei. Não queria assustá-lo naquela primeira conversa.

– Mas é assim. – ele falou rindo.

– É... Você tem razão. – E, como se um caminho novo estivesse se abrindo na minha mente, completei – Então, acho que vou ter que ir com medo mesmo...

– Isso aí garota! Vai com medo mesmo! Acredite, todos nós temos esses medos, até aqueles que não parecem ter. Eu vou te confessar: até hoje morro de medo de várias coisas, mas aí eu sempre lembro de que nada que pede intensidade quer só metade de nós. Então eu me entrego... Há anos tenho medo, e, olha, até hoje eles nunca se concretizaram.

– Sabe, espero que aos pouquinhos eu tenha mais confiança e, quando meus pais encherem o peito para me dizer “Isso não vai te dar dinheiro!”, eu levante a cabeça e responda: “Isso vai me dar felicidade!”.

– Sim, o tempo vai te ajudar. E a confiança vai crescer a cada dia. Vai em frente!

– Ai, obrigada, seu Jair, de verdade!

– Por nada, Mariana. E olha, você já aprendeu o caminho. Venha me visitar sempre, tá? Agora sabendo que você é desse mundo da pintura também, tenho certeza de que teremos muito que conversar.

– Ah, pode contar que eu virei sim. Bom, eu preciso ir. Obrigada mais uma vez! E pelo café também, estava ótimo!

Naquele dia, eu me despedi do seu Jair porque estava com pressa. Não porque tivesse algum compromisso, mas porque já estava ansiosa para colocar em prática tudo o que tinha ouvido. No caminho de casa, minha cabeça fervilhou. Estava segura, feliz, e me achando preparada para qualquer coisa.

No trajeto de volta para casa, brincando de andar pelo meio-fio sem cair, pensei em quantas vezes já zombaram – eu sei, quem fala zombaram? Eu sou dessas... – de mim por olhar o mundo com tanta paixão.

Tomei, em segundos, uma coragem que nunca tinha tido, e que precisaria perdurar até o dia seguinte. Até gostaria de dividir a conversa que tive com seu Jair com minha mãe, mas ela não entenderia. Me olharia com aquela cara de desaprovação, e a sua primeira pergunta seria: “Por que você foi falar com aquele sujeito esquisito?”. Ela nunca tinha sido a maior incentivadora dos meus sonhos, e não seria naquele dia que mudaria, por mais que eu tivesse essa esperança todo santo dia.

Era como se, de pouco em pouco, eles tirassem um pedaço de mim. Mesmo assim, prestei o vestibular e cursei artes plásticas até o final. Só que, até hoje, penso que se eu pudesse sentar na frente da minha mãe e do meu pai e explicar que estar em contato com a arte é vasculhar coisas loucas e maravilhosas que carregamos dentro de nós, mas nas quais poucos acreditam, ainda que essas coisas loucas e maravilhosas nem sempre sejam o que gostaríamos de encontrar, eu seria uma das pessoas mais realizadas do mundo.

Mesmo que eu tenha esse jeitinho recluso na maioria das vezes, digamos assim, sou apaixonada e tenho muito amor dentro de mim. E como tenho! E como nem sempre sei dividi-lo com quem amo, demonstro isso com minha arte. A arte nunca me trai. Nunca deixa de acreditar em mim nem me tira a esperança de dar um sentido à minha vida. Procurar sentimentos para serem transcritos, colocados em papéis, quadros ou em vozes suaves é uma busca interna por um defeito, um medo bonito de descrever.

– Mariana? Mariana?

– Ah, sim, seu Jair. Desculpe. Divaguei nos meus pensamentos aqui.

- Eu percebi! Olha, vou cobrir este canto aqui da tela com pássaros mesmo, ok?
- Sim, lógico seu Jair! Vai ficar ótimo. Mas eu preciso ir agora.
- Ah, que pena... já vai hoje?
- Sim. Combinei de encontrar minhas amigas em um bar. Aquele grupo de melhores amigas, sabe?
- Sei sim, que tem, como ela chamava mesmo? A Poliana...
- Isso! E antes vou aproveitar e dar uma passada em uma exposição do Modigliani que está tendo lá perto. Não dá pra perder essa oportunidade, não é?
- Claro! Aproveite.
- O senhor não quer ir comigo à exposição?
- Não, Mariana, obrigado. Ando muito cansado, acho que a gripe me pegou. Melhor eu ficar aqui e economizar minha energia de velho. Mas vá sim, é sempre inspirador ver a arte dos grandes mestres.
- É mesmo! E vai que eu me inspiro e alguma coisa incrível acontece, né?
- Sim. Coisas incríveis podem acontecer a todo momento, minha amiga!

Capítulo 3

– Mariana, mas você vai sair de novo? – minha mãe perguntou com um tom de repreensão.

Eu já estava toda arrumada, pronta para girar a maçaneta da porta, quando mais uma vez fui presa em uma emboscada familiar que tentava me fazer agir do jeito que meu pai e minha mãe queriam. Respirei fundo e tentei ser educada.

– Vou mãe, combinei com as meninas de encontrar com elas em um bar depois que eu for a uma exposição.

– Acho uma perda de tempo – meu pai me cutucou – Por que não aproveita a tarde pra procurar um trabalho de verdade? – ele falou com ironia na voz.

– Eu tenho um trabalho de verdade, pai! – falei, já irritada com a milésima vez que ele me provocava com aquele assunto.

– Ah é, e quanto ele te dá por mês?

– Pai, não começa com essa história de novo. Eu já falei que quando eu conseguir fazer minha exposição, vou vender mais, mas que por enquanto meu ganho é irregular mesmo, eu vendo um quadro aqui, outro ali. Estou no começo da carreira, preciso de um tempo para me estabelecer, mas logo eu deslancho. E eu agradeceria muito se pudesse contar com o apoio e a compreensão de vocês até isso acontecer.

– Mariana, a gente apoia com casa, comida, roupa lavada, e uma mesada que não é muita, mas é o possível. Mas você não colabora. Não bastasse ter feito uma faculdade inútil, você não aprende que isso de arte nunca vai te levar a lugar nenhum?

– Pai, eu não quero discutir com você de novo sobre esse assunto. Faz anos que a gente não sai disso. E eu tô com pressa, tô de saída... – falei, muito magoada com aquelas palavras, que me feriam profundamente.

– Então saiba que de mim você não vai ver mais nenhum tostão. Chega! Vire-se! Arrume um emprego decente, ganhe na loteria, case com alguém rico, faça qualquer coisa, mas pra mim chega de sustentar gente que não entende como a vida funciona.

– Você é que não me entende, pai! Aliás, nem me conhece direito! Só sabe

ver o mundo do seu jeito, só sabe gostar e tratar bem as pessoas que seguem o que você pensa! Você é um ditador, isso sim, que não enxerga nada direito!

– Cala essa sua boca, Mariana! Olha como fala comigo! Vânia, me segura senão eu vou perder a cabeça com essa menina!

– Mariana, não fala assim com seu pai, escuta o que ele diz...

– A senhora só sabe falar isso! Só sabe obedecer tudo o que ele manda, aliás! Cadê sua vida própria, mãe? Cadê seu amor próprio?

Meu pai começou a gritar tão alto depois que eu falei aquilo, que só abri a porta e a bati atrás de mim e saí para a rua pisando firme. Eu estava muito irritada, mas, acima de tudo, eu estava triste, magoada.

Minha família não me apoiava na minha profissão, não me entendia, e, pior, fazia de tudo para que eu desistisse, para que desse errado. Eles podiam não concordar, mas podiam pelo menos me apoiar. Só que meu pai sempre foi muito autoritário, e só queria que fizéssemos o que ele mandava, que era o que ele achava certo para nossa vida, a minha e do meu irmão. E minha mãe era alguém quase nula, que não tinha voz própria, e só seguia o que aquele ditador falava.

Não acho que meus pais tenham sido de todo ruins, não posso ser injusta. Nunca faltou nada para mim e para meu irmão, nunca passamos necessidade, mas os dois sempre foram muito ausentes em termos de afeto, de carinho e de calor familiar. Principalmente da parte do meu pai que, pela natureza de seu trabalho, precisava viajar muito, passando muito tempo fora de casa.

Mas, acho que mesmo que ele tivesse tempo comigo, ele não se interessaria pelo meu universo. Para dizer bem a verdade, acho que até hoje ele não sabe qual é a minha comida preferida, se tenho mais medo de andar de avião ou de barco, e nem se sou destra ou canhota. Na verdade, ele nunca se interessou em saber quem eu realmente era por dentro. Ele só queria que eu fosse quem ele esperava e ponto, como se eu não tivesse vontade própria, como se não existisse algo maior pulsando dentro de mim. Minha mãe se comportava do jeito que ele queria, e eu achava que ela era bastante omissa, submissa e anulada, mas eu me recusava a ser daquela maneira.

Apesar da discussão em casa, cheguei ao museu no horário em que marquei

com Poliana. Tínhamos combinado de ver a exposição do Modigliani que estava acontecendo na cidade, e depois encontraríamos mais duas amigas em um bar. Eu tinha esperado meses por aquela exposição, que era uma coisa de louco, pois esse pintor e seus retratos estranhos sempre me fascinaram.

É engraçado como esse clima de exposições e vernissages me inspiram. Parece que cada vez mais recebo breves sinais de que realmente nasci para a arte, mesmo que muitas vezes eu tenha negado esse chamado, e fui pensando nisso enquanto estava no Uber, vendo cair uma tempestade que fazia o trânsito ficar péssimo. Mas o motorista deu um jeito de desviar dos lugares de mais congestionamento e eu não atrasei para encontrar com minha melhor amiga.

Poliana era minha confidente, sempre me ajudava com todas as minhas dúvidas, desde as coisas mais banais, sobre qual roupa vestir para um encontro, até mais sérias, como o problema que eu estava passando. Assim que nos encontramos, já fui contando tudo o que tinha acontecido naquela milésima discussão na minha casa. Depois de visitar toda a exposição, sentamos para descansar em um banco na saída, e resolvi pedir uma ajuda mais “concreta” para minha amiga. E me surpreendi muito com sua resposta.

– Tudo bem, Mari, eu até te empresto esse dinheiro, e você me paga quando puder. Eu entendo sua situação, entendo que as coisas vão ficar difíceis daqui para a frente, mas, olha, posso te falar uma coisa, mandar a real mesmo?

– Lógico né, Poli.

– Eu acho que seus pais estão certos.

– O quê?! Acho que não ouvi direito.

– Ouviu sim.

– Cê tá mesmo falando que meus pais estão certos, Poliana!? Não tô acreditando...

– Eu acho que eles têm razão, sim, Mariana. Você precisa ter uma estrutura, precisa ser adulta, daqui a pouco você vai fazer 30 anos e precisa ter uma renda, precisa se manter direito, ter sua cas...

– Mas eu tenho renda!

– Eu tô falando de um negócio mais sólido, regular, todo mês, ali, bonitinho na sua conta, Mari. Pensa bem, desencana desse negócio de pintura, acha alguma coisa que pague um salário decente, que pague suas contas, que te dê folga pra comprar tudo o que você quer, pra você viajar, e leva a arte como

hobbie.

– Pô, Poliana, se eu soubesse que iria ouvir sermão igual do meu pai, e justo de você, não tinha te pedido nunca esse empréstimo!

– Olha, de repente pode até ser alguma coisa ligada mesmo à arte, mas que seja mais pé no chão, mais sólido, mais razoável. Dar aulas, por exemplo.

– Chega! Não quero mais ouvir! Se você falar mais alguma coisa, eu vou ser obrigada a brigar feio com você também, e eu não quero isso.

– Eu é que vou ter que brigar feio com você, Mari, se você continuar...

– Cabou Poli, fim de assunto. Vamos para o bar que as meninas já devem estar lá.

– Ok, mas depois não vem chorar no meu ombro, combinado?

– Humpf!

Capítulo 4

Quando saímos do museu, já era fim de tarde, e, ao contrário da chuva forte que caía quando chegamos, o temporal já tinha passado, o céu estava bonito, e ainda restava um pouquinho de sol. O cheiro de asfalto molhado deixava no ar aquela sensação de paz e calma, e sentir aquele odor que eu adorava me fez até esquecer da discussão com a Poliana.

Chegamos as duas ao bar, e eu meio esbaforida e atabalhoada, como sempre, e carregando meu guarda-chuva listrado de preto e branco. Cumprimentamos as meninas e logo emendamos em um papo. Era um dos meus lugares favoritos, um pub que fica em um porão. A maioria das pessoas considera o bar estranho e repleto de gente esquisita, mas eu e minhas amigas adorávamos aquele lugar, pois tinha ótimas cervejas, e, principalmente – e coloca principalmente nisso –, porque poucas pessoas sabiam da existência dele. E a gente sempre gostou de ir a bares que a grande massa não conhecia...

De cara, Poliana já começou a contar suas histórias malucas sobre homens, que novidade, não é mesmo?!

– Olha, já desisti de encontrar alguém que me ame da maneira que eu mereço.

– Ah, para, Poli! O João foi ótimo pra você! – a Sofia protestou.

– O Antônio era um fofo, qual o problema dele? – Luiza quis saber.

– É, e não vamos ser injustas com o Luiz também – eu emendei.

– Ah não, o Antônio não foi homem o suficiente pra ficar comigo, Lu, nem vem! – Poli se defendeu.

Confesso que tenho um pouco de preguiça desse assunto, porque muitas mulheres, quando bebem um pouco e começam a falar sobre homens, são como um disco que se repete pela noite inteira. E tem algumas que até colocam o peso da felicidade em um relacionamento – sim, elas existem –, e falam bem, falam mal, falam, falam, mas nunca chegam a nenhuma conclusão. Eu nunca tive muita paciência para isso. Mas, ok, elas eram minhas amigas, e paciência é uma virtude. Então eu me pus no modo “Sorria, Mariana!”. Mas nunca desisti da minha eterna missão de tentar mudar de assunto, e antes que a Poli enviasse uma mensagem aleatória para o João, para o Antônio ou para o Luiz, pedi mais uma cerveja.

– Garçom, mais uma Pale Ale, por favor! – pelo jeito, a noite seria longa. E eu, por sorte, já estava começando a ficar aquele estado alegre, de riso fácil.

Quando o garçom saiu para buscar minha bebida, justo na direção dele, ao longe, de repente avistei um cara sozinho, que estava lendo um livro, o que chamou muito minha atenção, por vários motivos. Primeiro, pelo fato de ele estar naquele bar, que eu já achava descolado. Segundo, por estar lendo, e, terceiro, e mais inusitado: ele estava lendo o mesmo livro que eu!!

Consegui ver direitinho a capa: *Um rio chamado tempo, uma casa chamado terra*, do Mia Couto. Ah, era muita coincidência! Aquilo era incrível. Aquele cara devia ser incrível também, e pus isso na minha cabeça. Na hora, me desliguei do mundo! Parecia que não havia mais nada em volta, não conseguia parar de olhar para ele, não conseguia nem mais tatear a mesa em busca da minha tulipa de bebida. Não consegui evitar ficar encarando, porque encontrar pessoas que estão lendo o mesmo livro que você sempre é um sinal divino de que algo maravilhoso está para acontecer.

Sempre fui de me apaixonar fácil por caras que leem, ainda mais quando têm um gosto parecido com o meu. É quase instantâneo! Parece que ele já conhece tudo sobre mim, meus gostos, o jeito como durmo, com o travesseiro entre as pernas. E na minha cabeça doida, ele já me conhecia também, sabia de todas as minhas manias, apenas ainda não tinha consciência de que tinha todo esse poder. Ah, eu tinha que dizer isso a ele. De repente, dei um gole encorajador na minha cerveja e falei para as meninas:

– Amigas, tô indo conhecer o homem da minha vida.

– Tá doida Mariana? – Luiza falou.

– Ferrou, ela bebeu demais e a gente nem percebeu... – Poliana se desesperou.

– Vai fundo, miga! – Sofia riu da minha cara.

Sem pausas e nem tempo para pensar na loucura sadia que eu estava prestes a cometer, levantei da mesa e fui em direção a ele. Não tinha tempo a perder. Se não fosse naquele momento, nunca mais o veria de novo, e iria me arrepender por deixar de fazer aquilo. Cheguei perto da mesa e fui perguntando:

– Oi... É... Desculpa chegar assim... Mas é que eu estou lendo exatamente o mesmo livro que você, e achei muita coincidência... E não resisti e vim falar isso pra você...

- Caramba, muita coincidência mesmo! Está gostando?
- Estou sim. Eu acho que já estou em uma página um pouco mais à frente que você.
- Estou na 172.
- Ah, parei na 200. Essa parte que você está é ótima. Adoro os nomes que ele dá aos personagens.
- E eu adorei o nome do lugar! E por falar em nomes, qual é o seu?
- Ah, Mariana!
- Prazer, sou Pedro. Senta aí, Mariana! – ele falou me estendendo a mão para cumprimentar.

Um sorriso breve, uma suave passada de mão nos meus cabelos feito ondas do mar, uma coçadinha na minha tatuagem preferida no antebraço, um olhar doce, porém não enjoativo, e pronto, já estávamos no papo mais fácil e delicioso do mundo. Pedro era economista, tinha um cachorro, não tinha filhos e cultivava uma horta orgânica em casa. Me contou que adorava restaurantes pequenos, daqueles em que o dono atende, como se fosse um amigo próximo. Achei ele bem bonito, apesar de, no fundo, gostar mesmo de homens com bom gosto, principalmente quando o assunto são livros, filmes e roupas, e naquele momento, com certeza, sua melhor qualidade era saber falar de qualquer assunto com a leveza que sempre esperei de alguém. E quando a gente encontra alguém que entende as referências de filmes, séries ou livros que a gente joga no ar, pode ter certeza que sairá algo gostoso daí.

E era o que estava acontecendo! Conversa vai, conversa vem, de Dalí a Arcimboldo, de Hemingway a Salinger, já estávamos ali havia quase duas horas falando sobre o que nos viesse à mente. E, a cada referência artística ou cultural que eu jogava e ele pegava, meus olhos brilhavam mais. Era visível. E era para ser mesmo, porque ele merecia saber que eu estava a fim dele, eu estava mesmo enviando sinais. Não havia tempo para charminhos bobos que retardassem a comunicação clara. Na verdade, nunca há, mas em geral as pessoas complicam.

Do outro lado do bar, minhas amigas provavelmente estavam fofocando e me julgando com olhares que atravessavam o salão e perguntavam de longe, mexendo os lábios, mas sem deixar sair som da boca: “E aí?!”, mas eu mal dava atenção a elas. Naquele momento, Pedro era muito mais interessante. Não muito tempo depois, elas resolveram ir embora. Chegaram perto da

mesa, cumprimentaram o Pedro, me deram um tchau rápido e, achando que estavam sendo discretas, me olharam com aquela cara com que as amigas sempre olham quando você está conhecendo alguém em um bar e falaram:

- Tudo bem mesmo a gente ir embora...?
- Avisa no grupo quando chegar, tá Mari?!
- Qualquer coisa, manda mensagem, por favor!
- Tá bom, meninas, fiquem tranquilas! Obrigada! Beijos! – falei, rindo. Pedro também sorriu.

E a Poliana, quando foi me dar um beijo de tchau, perguntou no meu ouvido: “Esse cara é confiável?”. Eu tinha certeza de que ele era, pelo menos para aquela noite, e a minha intuição nunca falha. Sinalizei para ela com um “sim” discreto.

Depois que elas saíram, também resolvemos ir embora. Pagamos a conta – dividimos o que consumimos ali – e fomos pegar o carro dele. Quando levantamos, notei que o Pedro não era muito alto, tinha quase a minha altura, mas também não sou parâmetro para muita coisa, já que sou mais alta que a média das mulheres. Ele usava uma roupa casual, calça jeans, camiseta básica e tênis (escapei do sapatênis, ufa!). Gosto de homens com camiseta básica. Eles me dão, sei lá, tesão.

Enquanto caminhávamos pela rua, fiquei pensando que, caso ele me convidasse para ir à casa dele, eu iria. Pensei, medi minhas inseguranças, que naquele momento estavam anestesiadas, refleti e cheguei a uma conclusão muito inteligente: ia fazer o que o tesão sussurrasse no meu ouvido, sem me preocupar com o amanhã. E sem me preocupar com a opinião dele sobre mim.

Sempre fui do tipo que gosta de sentir prazer antes de pensar nos possíveis desafetos do dia seguinte, pois acho que uma noite feliz sempre vale uma possível manhã de remorso. Mas eu senti não teria nada disso, nenhuma ressaca moral, e, como eu disse, minha intuição nunca falha. Confiei nela. De repente, paramos em uma rua qualquer – para mim era qualquer, mas para Pedro era estratégica, depois percebi, ele desligou o carro e começamos a conversar.

- Aqui é seguro, não precisa ficar com medo. Tem um monte de seguranças.
- Ah, ainda bem que você avisou! Sei lá né, parar na rua pode ser perigoso...
- Fica tranquila... Eu tô de olho.

– Tá bom, assim eu fico.

– Deixa te perguntar... Você usa óculos faz tempo?

– Óculos?

– Sim!

– Ah, eu praticamente nasci de óculos, nem sei como é ser alguém sem. Uso desde que tinha nove meses, mas sempre gostei, sabe? Porque eu usava coloridos na infância, e hoje eles fazem parte do meu estilo, tenho orgulho até. Coisa de aquariana, que gosta de ser diferente!

– Caramba! Faz parte de você então! Você tem miopia?

– É, miopia. Quando eu era criança, tinha um pouco de estrabismo, e usei aquela coisa de tampão e tudo, e quando perguntava para a minha mãe por que tinha os olhos assim, ela dizia que eles queriam ficar juntinhos.

– Ah, que fofo!

– É, mas agora corrigiu. E, acredite se quiser, tem gente que diz que fico bonita de óculos. E eu adoro acreditar.

– Pode acreditar, você é linda! Muito! – ele falou, tirando meus cabelos do rosto e colocando atrás da minha orelha.

– Ah, obrigada! – respondi, meio encabulada.

– Mari, eu estou com a sensação de que te conheço faz tanto tempo! Mas faz só algumas horas! Que coisa doida!

– Eu também, estou com a mesma sensação. Acho que foi muita sintonia né? Parece que a gente combina...

– Sabe como a gente comprova se a gente combina? – ele me perguntou, chegando bem perto de mim.

– Como? – perguntei, um pouco curiosa, um pouco já adivinhando o que ia acontecer, mas adorando como ele estava levando a coisa.

– Testando!

Nesse momento, ele aproximou seu rosto do meu, colou os lábios dele nos meus e nos devoramos em um beijo romântico e louco, mas também muito libertador. Meus cabelos insistiam em ficar entre nossas bocas, e ele os afastou gentilmente. Meus óculos embaçaram, e eles os tirou delicadamente. E quando alguém tira meus óculos para me beijar... Ah! É um prato cheio para terminar em uma loucura, e eu adoro loucuras!

Ficamos ali no carro por um bom tempo mais entre beijos, vidros embaçados e algumas conversas sobre arte e pequenas filosofias de vida, quando, de repente, ele disse:

– Mari, eu moro naquele prédio ali. Quer subir e ouvir música?

Eu ri e, com um tom levemente debochado, disse:

– Ouvir música? Sei... Mas é lógico que eu quero sim!

Capítulo 5

– Bom dia! Pode acordar... fiz um café pra você!

– Putz...

– Putz?

– Putz sim! Que delícia! Café na cama? Nossa, isso é demais!

Talvez esse seja a melhor exclamação que soltei no começo da minha história com o Pedro. Tudo bem que não sou lá a mulher mais receptiva do mundo a fofuras, principalmente as matinais, mas, não sei por qual motivo, o Pedro conseguiu transpor a barreira que poucos já haviam ultrapassado e, com um simples café da manhã, me arrancou um sorriso e uma alegria imensa.

Logo após o café, ficamos horas e horas enrolados nas cobertas, transbordando nos minutos que, incansavelmente, passavam rápido demais, nos abraçando com os travesseiros entre nós, falando sobre coisas aleatórias que qualquer pessoa normal ou careta acharia idiota. E talvez a gente até fosse idiota, mas e daí?

– Seu bicho preferido é elefante?!

– Eu amo elefantes!

– Mas Mariana, não tem outro bichinho mais fofinho, doméstico, peludinho, para você amar?

– Pois é, meu jeitinho! Ainda vou para a Índia andar de elefante sabia? Esse é um dos meus sonhos, conhecer esse país.

– Mas lá é meio complicado, hein? Trânsito caótico, muita gente, mais de 1 bilhão de pessoas... Você sabe que a água na Índia não dá para beber né?!

– Ah, eu sei, já ouvi isso mil vezes! Mas qual é o problema? Eu compro água de garrafinha!

– E ouvi falar que tem ratos andando pela cidade! Muita doença, Mari! A vigilância sanitária lá é uma vergonha!

– Mas a ideia é viver mesmo uma realidade diferente da minha! Ter esse choque cultural gigante. Eu quero andar de tuk-tuk, comemorar a chegada da primavera no Festival das Cores, barganhar por especiarias e suvenires nos mercados, comer curry, ouvir os vendedores ambulantes gritando “chai, chai,

chai!” pelas ruas...

– Chai eu adoro! – ele falou sorrindo.

– Ai, eu também! Chai é uma das melhores bebidas do mundo! Sim, quero fazer aqueles desenhos lindos nas mãos com hena, pedir licença para as vacas que ficam deitadas no caminho, aprender a fazer massagens diferentes e milenares, mas, principalmente, valorizar um pouquinho mais a minha vida como um todo, sabe? Ter uma oportunidade de me conectar comigo e me aprofundar numa cultura ímpar.

– Você tá certa! Sonhos são sonhos, e ninguém tem o direito de tirar eles da gente! – ele falou, acariciando meus cabelos.

– Vamos pra Índia juntos um dia? – eu perguntei, entusiasmada.

– Vamos sim Mari! Com você tenho vontade de ir pra qualquer lugar do mundo! – ele respondeu rindo.

Naquele momento, parei de falar e só conseguia me concentrar naqueles olhos castanhos, profundos, cheios de história, e pensar: “Porra, não é que a gente combina mesmo?! Ferrou, achei o cara perfeito!”. E, de repente, a gente já tinha uma intimidade que veio sem pedir licença. Éramos diferentes, mas combinávamos muito! Ele, um tanto metódico (já tinha dado para perceber pelo jeito como arrumava tudo e organizava as coisas, e deixava a cama lisinha...) e prático, e eu, artista, louquinha e sonhadora. Éramos uma mescla muito peculiar. Mas ele também parecia adorar as experiências e intervenções que a vida pode nos proporcionar. Não sei bem por que a gente combinava, mas, também, querer tentar entender as coisas bonitas que acontecem com a gente é pedir demais. Elas acontecem e pronto. Vamos vivê-las.

– Adoro que você é meio louquinha, Mari!

– Louquinha, eu? – dei risada! – E você é todo certinho né?

– É, você tem espírito livre, e isso é muito fascinante sabia? Eu fico vendo que pessoas precisam de certezas, de muletas, pra sentir que estão vivendo da maneira “certa”, que o mundo aprova. Mas no fundo, qual é a maneira certa de viver? Casar, fazer sexo com poucas pessoas, gostar de cachorro, almoçar com a família todo domingo, ter filhos com pais presentes e heterossexuais, viajar pelo menos uma vez ao ano, de preferência para o exterior, ter um carro novo a cada três ou quatro anos, trabalhar oito horas por dia? Poxa, isso é limitado e chato né? Mas você é diferente!

– Ah, mas é loucura ter coragem pra viver o que você sente que deveria

viver? Se for isso, eu sou mesmo. Tenho um monte de tatuagens, transo no primeiro encontro – sim, eu adoro sexo mesmo! –, fiz uma faculdade que ninguém aprova, tenho uma profissão que não dá grana, gasto o pouco dinheiro que eu tenho em coisas bobas para o mundo, mas não para mim, quero ir pra Índia e não para Paris... Mas pra mim, loucura mesmo é abrir mão das nossas vontades por causa da opinião das outras pessoas!

– Você é demais, sabia? – ele falou, me agarrando e me dando um beijo profundo e delicioso.

Nos conhecíamos não fazia nem 24 horas e já estávamos na cama dele, pulando e fazendo pequenos planos. Isso sim era doido, estar com um cara que mal sabia quem era, mas que ao mesmo tempo já conhecia tão bem. Parecia que a nossa cumplicidade vinha de outras vidas. Mesmo que eu não fosse espiritualizada, naquele momento, aquilo era algo quase divino. Quem mandou ele estar lendo o mesmo livro que eu, no mesmo bar que eu? Se isso não era coisa do destino, o que seria?

Conversando com ele na noite anterior, e na cama dele de manhã, era engraçado e mágico observar como os nossos gostos eram parecidos, as nossas loucuras rimavam e as nossas vontades se encaixavam feito um quebra-cabeça de sei lá quantas mil peças, mesmo com as nossas vidas tão diferentes – ele economista, eu uma tentativa frustrada de artista, ele de família com ar e frescor de alta sociedade, e eu mais simples que banana de feira. E estava sendo muito bom dividir minhas vontades e sonhos com alguém que entendia a grandeza com que aquilo orbitava dentro de mim.

Mais tarde, quando eu estava saindo da casa dele com as mesmas roupas da noite anterior, e sem esquecer o meu guarda-chuva listrado, fiquei pensando em como, sempre que estamos desacreditados no amor, parece que alguém surge sem nem bater na porta pedindo para entrar, como se surgisse, rapidinho, somente para nos dar esperança.

Mas, sinceramente – vou falar baixinho, pois não quero parecer afobada –, naquele dia eu queria mais que esperança. Queria um companheiro de viagem, de loucurinhas, e – quem sabe? –, com sorte, de vida.

Fazia uma semana que a gente havia se conhecido e Pedro resolveu me ligar

para me convidar para jantar. E eu achei demais ele telefonar, porque não foi uma mensagem no WhatsApp. Às 20h30, ele me buscou em casa.

– Vou te levar em um restaurante que eu adoro.

– Ah, que ótimo! – respondi eufórica, feliz e ansiosa por estar vendo Pedro de novo.

Nem questioneei aonde iríamos. Ele estava tão seguro de onde me levaria que eu também acabei me esquecendo de falar sobre um pequeno detalhe: eu não como carne.

Quando ele estacionou perto do restaurante, vi que era um japonês. Pensei: “Tudo bem, *yakisoba* de legumes é sempre uma boa saída”, já imaginando em como contaria a ele sem desanimá-lo nem causar constrangimento, já que deixar de seguir meus princípios só para agradá-lo estava fora de cogitação.

Sentamos à mesa e deixamos o garçom fazer o papel dele: nos entregar o cardápio e empurrar a cadeira para nos acomodar melhor. Os olhos dele brilhavam com o cardápio nas mãos, parecia que ele já tinha em mente todos os pratos que pediria, e eu só morrendo de vergonha de dizer que não comeria nada do que, provavelmente, ele iria escolher. Então, quando vi que ele já estava pronto para fazer o pedido, mas antes que chamasse o garçom, resolvi falar:

– Pedro, acho que esqueci de te contar uma coisa...

– O quê!? – disse, com aquele olhar de “ai meu deus, o que foi?”.

– Eu não como carne... hehe!

– Nem peixe?! – eu já esperava essa pergunta clássica.

– Não, não... peixe também é carne...

– Poxa, por que você não me avisou? Não sabia que você era vegetariana! – ele falou, com um ar meio frustrado, mas meio querendo me agradar.

– Não sou vegetar... – mas antes de terminar, ele já me cortou.

– Vegetariana, vegana, sei lá...

– Hehe sou ovolactovegetariana. Só não como carne, mas como ovo, tomo leite e derivados!

– Pelo menos, isso, né? Haha!

– Hehe! – dei aquele sorriso para não deixar o clima pesar.

Não sei se senti errado, mas me pareceu que a resposta dele tivesse um tom

de deboche. Eu não queria estragar o nosso primeiro jantar e deixei para lá. Pedi um yakisoba, que não estava dos melhores, mas não quis reclamar para não atrapalhar a noite. Estava tudo ótimo, a companhia, a conversa, os olhares, mas a minha sensibilidade não falha, e sei que ele ficou com uma pontada de decepção. Aquilo me deixou pensativa. Ele parecia tão cabeça aberta, lendo um livro tão legal no dia em que nos conhecemos, falava tão bem de arte, demonstrava adorar meu mundo interior, mas, na primeira diferença, já torceu, levemente, o nariz? Enfim, eu esperava outra reação, mas relevei, estava apaixonada.

Com o tempo, minha euforia um pouco ansiosa foi baixando, e a gente, em vez de querer ser feliz na intensidade, foi sendo, aos pouquinhos, na calmaria. Fomos saindo cada vez mais, nos vendo às quintas, às sextas e nas emendas dos feriados, e sem nos preocupar em fazer charme ou com essas coisas chatinhas de “você tem que ser difícil!” que muita gente diz por aí – nunca tive paciência para isso. Estávamos com uma rotina bonita de contar. Eu dormia alguns dias da semana na casa dele, em alguns víamos alguns dos filmes do Almodóvar (meu favorito naquele momento era *A pele que habito*), em outros, fazíamos sessão sem interrupções de *How I Met Your Mother*.

Aos pouquinhos, ele foi me aceitando em cada detalhe, cada defeitinho, e olha que eu tenho alguns que até para mim são amargos de descer pela garganta. Por mais que fosse aberta com quem eu tivesse intimidade, sempre tive dificuldade em me abrir verdadeiramente, demorava para pegar confiança, e isso tem a ver com a maneira com que os meus pais me criaram. Eu não conseguia me abrir por receio de ser julgada e nunca soube lidar muito bem com a vulnerabilidade do meu coração. Mas com o Pedro era diferente, as coisas iam acontecendo, fluindo... e, quando vi, já estava dividindo com ele todas as minhas histórias, até as mais podres. Ele me passava muita segurança com seu doce e firme olhar cheio de compreensão.

Eu sempre quis alguém que me amasse como eu sou, sem dizer “eu te amo, mas você deveria mudar isso...”. Sem dizer que sou perfeita, mas querer me moldar aos seus gostos pessoais. Eu sou isso, ou me aceita com todos os complementos e as paranoias que o pacote contém ou me deixa livre. Se cada um se aceitar, sem ter que ceder ou negar a sua essência, tudo fica mais fácil.

Pedro estava longe de ser o homem perfeito para o resto do mundo, mas parecia perfeito para as minhas imperfeições. Estávamos, dia a dia, como dizem por aí “ficando mais sérios”, nos conhecendo e nos apaixonando mais.

Capítulo 6

– Oi Ricardo, tudo bem? – atendi meu celular voando quando vi o nome do *marchand* que estava com uns quadros meus tentando arranjar para mim uma exposição em uma galeria que estava super em alta.

– Tudo bom Mariana? – a voz dele não me pareceu tão entusiasmada quanto eu gostaria.

– Tudo certo! E aí, novidades?

– Sim, mas não são boas as notícias. A galeria não vai fazer sua exposição, Mari.

– Ah não...

– Pois é. Eu insisti, mas eles disseram que estão com outras prioridades, a agenda está concorrida, quem sabe mais pra frente...

– Já entendi, Ricardo. Tudo bem. Mas pelo menos conseguiu alguma venda de algum dos meus quadros?

– Tá bem difícil. Nada ainda. Acho que seu estilo está meio fora do foco dos compradores agora, o pessoal está preferindo alguma coisa mais conceitual...

– Conceitual? Sei...

– Bom, qualquer coisa eu te aviso tá? E se você quiser pegar seus quadros e tentar outro jeito, pode vir buscar, tá? Mas não desanima, não.

– Claro, não vou... – falei, já totalmente desanimada – obrigada!

– Beijo! Fica bem!

– Tá bom. Beijo. Tchau.

Desliguei bem triste, porque eu tinha muita esperança naquela exposição. Minha cara de enterro e frustração, é claro, chamou a atenção dos meus pais, que estavam perto de mim e quiseram saber o que aconteceu. Não tive como não contar, apesar de já saber o que viria em seguida.

– Olha Mariana, acho que agora chegou no limite né? Eu acho que você tem que trabalhar. Eu falei com o Arnaldo e você pode trabalhar na loja de roupas da mulher dele. Estão precisando de vendedora lá.

– Pai, você não precisa me arrumar emprego! Eu sei me virar!

– Ah, sabe se virar? Onde Mariana? Não tá se virando! Larga mão de ser

orgulhosa e vai ganhar um dinheiro honesto.

– Pai, chega! Eu não aguento mais vocês só ajudando a terminar com a minha carreira.

– Carreira de quê? De artista fracassada?

– Pra mim chega, eu vou embora!

– A porta da rua é por ali! – meu pai gritou, e eu corri para o meu quarto e comecei a arrumar minhas coisas em uma mala.

Desde criança, esse negócio de família sempre foi complicado para mim. Nunca fui de falar muito com meu pai, e minha relação com a minha mãe também não era das melhores, e a verdade é que nunca nos demos muito bem. Sempre tivemos opiniões diferentes, e, com a cabeça dura que eles têm, nunca houve renúncia. Me lembro de quantas e quantas vezes tive que ceder, mesmo sabendo que estava certa, e isso era bastante difícil para mim.

Tinha que me fingir de boba para não arranjar confusão nos almoços de domingo, e nunca deu muito certo. Sentados à mesa da sala, com a televisão ligada em um daqueles canais que fazem lavagem cerebral na gente, aquela toalha em que não podíamos deixar cair comida ou ouviríamos durante dias, com meu pai sentado à cabeceira falando sobre as coisas em que ele acreditava, verdades absolutas, críticas à sociedade, e mais um monte de coisas que tínhamos que ouvir e fingir que concordávamos. Quando ele vinha com os preconceitos torpes dele, me subia uma coisa, uma vontade de levantar da mesa e gritar “EM QUE MUNDO VOCÊS VIVEM?”, mas me calava e pegava mais um pouco da salada de batata. Até porque, quem daria ouvidos a uma adolescente?

Aquela discussão foi o estopim para eu querer sair de casa, ser independente, me virar do avesso e mostrar que eu era capaz. E para mostrar quem eu realmente era, pois, na casa dos meus pais, eu seria sempre a filha deles, que, infelizmente, nunca foi, e nunca seria, o que eles esperavam. Aquelas palavras do meu pai foram um tapa na cara que me disse: “Acorda, garota, seus pais não vão mudar, mude você, eles nunca vão deixar você ser quem é, saia de casa, corra atrás do que faz o seu mundo girar, pois por aqui as coisas, infelizmente, nunca vão mudar”.

Não sei se meus pais me conhecem ou se só têm uma imagem exterior de mim. Saber que eles me amam, mas ter certeza de que nunca vão me entender por inteiro é uma grande tristeza. Eles querem o meu bem, mas nunca verão o

tamanho do brilho que carrego comigo. Eles nunca vão conseguir me enxergar como realmente sou e, provavelmente, nunca vão mudar... uma pena ver isso e não poder fazer nada.

- Oi Mari, entra! O que aconteceu? Por que você está chorando assim?
- Poli, posso ficar aqui por uns tempos?
- Pode miga! Ai, ai, ai... entra. Me conta tudo.

Capítulo 7

Apesar de eu ter saído de casa de uma forma péssima, no calor de uma briga com meus pais, Poliana me acolheu bem no início e Pedro me apoiou. Meu namoro com ele estava indo bem, mas, com o passar do tempo, dos meses, algumas coisas começaram a fazer acender uma luz amarela.

Já na primeira vez que dormi na casa dele, percebi que ele tinha um lance meio estranho, umas manias de organização, principalmente com cobertas e lençóis. Admito que até me assustei um pouco com a maneira como ele dormiu, tão paradinho, enquanto eu me revirava toda na cama, como mar em dia de tempestade. Fiquei com certo medo, mas sei lá, relevei, estava deslumbrada com ele e com a situação. Talvez ele não gostasse de bagunça nem desarrumação, ninguém gosta, claro, mas no caso dele, ao longo do tempo, fui vendo que se eu deitasse na cama por cima do edredom, mesmo que rapidinho, com as roupas com que tinha chegado da rua, haveria uma hecatombe mundial.

– Pô Mari, não deita aí assim!

– Assim como, Pedro? – ele falou, já me expulsando e ajeitando a cama, deixando os lençóis lisos, estáticos.

– Você tá toda suada, com poeira da rua! A gente vai dormir aí daqui a pouco, limpinhos, não é legal! Levanta!

– Ai, que isso! Desculpa desrespeitar os deuses do sono e esses objetos sagrados, cama, lençol e cobertas!

E algumas discussões bestas começaram a acontecer por bobagens.

Confesso que uma coisa que sempre me desanimou foi a maneira como, muitas vezes, Pedro se importava com a opinião dos outros sobre meu jeito de ser. Eu sempre fui livre, e acho que os outros não sabem do que a gente precisa para ser feliz. Será que essa preocupação era, na verdade, uma certa inveja por eu fazer coisas que eles gostariam de fazer, mas não têm coragem?

Pedro sempre achou que eu era louquinha, e muitas vezes ele ficava com receio de ser demais para ele. Nunca me falou isso, mas eu sentia, pelo olhar dele, o medo de a sociedade ver que ele, um homem, economista, filho de uma família de estirpe, estava se relacionando com uma... artista. Ele fingia tirar essa história de letra, mas, no fundo, eu sentia que mexia com ele.

Outro dia, eu e ele estávamos em uma loja meio vazia, e eu o puxei para dentro do provador feminino. A gente começou a se beijar e eu queria transar com ele lá. Eu tenho tesão de transar em lugares não convencionais, mas ele achava estranho, diferente, e volta e meia me olhava com certo estranhamento. Nesse dia, ele ficou irritado e saiu, me deixando lá. E eu me perguntei: “Porra, que homem não gostaria de uma mulher que ama sexo? Que gosta de transar diariamente e em lugares diferentes?”.

Eu sempre fui uma mescla de sensibilidade e grosseria. Talvez isso seja um escudo, uma proteção que eu tenha, por medo de que vejam a minha fragilidade. No começo, o Pedro lidava de uma maneira fofa com isso. Um dia, ele me deixou um bilhete em cima do travesseiro, com uma mensagem de bom-dia, quando saiu mais cedo que eu para trabalhar:

Bom dia para você que é amável, mas brava que só. Fria, seca, mas totalmente apaixonada. Educada, mas meio “escrotinha”, para usar seu palavreado. Linda, mas meio “vou com essa roupa mesmo, foda-se...”. Todos dizem que ela é grossa, que não aceita a opinião dos outros e que é irônica, mas quem disse que ela não pode gostar de filmes de princesa, dar beijos ao pôr do sol ou pintar as unhas de rosa?

Te amo, minha pequena ogrinha!

Eu adorei, e fiquei pensando: *Será que realmente sou uma ogrinha?* Foi nesse dia que achei minha definição no mundo: meiga como um tijolo. Sou um pouco grossa, mesmo não querendo ser, mas isso não quer dizer que não haja amor em mim e na maneira como vejo o mundo, longe disso! A questão é que não sei reagir muito bem em algumas situações amorosas, alguns carinhos que pedem muita entrega. Sou um pouco avessa a grude. Sou apaixonada, vivo os momentos com intensidade, mas não sou uma romântica nata. E não tenho lá muita paciência com fofuras, mas isso não significa que eu não goste de carinho também... A questão é: como fazer o Pedro entender

esses meus limites, tão tênues, que nem eu entendo?

Grande parte dessa minha falta de jeito para dar e receber carinho acho que herdei da minha família, que também é toda meio casca-grossa, e da maneira como fui criada, não tive esse exemplo dentro de casa, principalmente do meu pai. Como perdeu os pais cedo (eu nem conheci meus avós paternos), ele se fechou muito ao mundo e deixou para trás a vontade, ou a necessidade, de demonstrar carinho e amor. Não me lembro de ter ouvido um “eu te amo” dele.

Não sei como a minha mãe conseguiu conviver todos esses anos com alguém tão fechado. Aliás, minha mãe sempre foi calada, defendia o meu pai em todas as suas opiniões e isso revoltava a mim e ao meu irmão Rômulo. Meu pai falava, muitas vezes mesmo sem razão (e tinha ciência disso, mas não poderia dar o braço a torcer, né?), e ela fazia que sim com a cabeça, como se não restasse outra opção além de aceitar e concordar, afinal, ele quem pagava as contas de casa, não é mesmo?

Como nunca teve muita demonstração de afeto em casa, para falar a verdade eu sinto falta disso, e não sei por que nunca disse isso a eles. Talvez por vergonha ou medo da resposta. Mas sinto falta de carinho, de mimos, e sei que o meu irmão também sente. Mas a verdade é que eu não sei receber carinho, por mais que eu goste. Na verdade, eu não sei demonstrar que gosto de carinho.

Um dia, eu estava com o Pedro assistindo uma série no sofá, e toquei no assunto. Eu estava meio diferente e perguntei a ele:

- Por que você nunca me dá carinho?
- Pelo que me eu lembre, desde que te conheci, você nunca foi muito disso...
- Mas todo mundo gosta de carinho, sabia? Até eu.
- Claro que eu sei, mas sempre que faço um carinho, parece que você entra em modo de alerta, como se não gostasse, ou fosse algo invasivo, e para mim é difícil lidar com isso.
- Como assim *modo de alerta*?
- Você fica estática, sem reação, parece que não sabe se entregar para o carinho que estou dando.
- É, talvez eu não saiba.
- É, você não sabe.

- Mas hoje eu quero, como faz?
 - Tudo bem, o difícil é eu saber quando você quer ou não.
 - Você tem que sentir, ué.
 - Não é tão fácil assim.
 - Você acha que sou muito grossa?!
 - Não sei, você é carinhosa em certos momentos, tem uma visão bonita sobre o amor, mas ao mesmo tempo tem algumas reações difíceis de interpretar, nunca sei se são brincadeiras ou grosserias de verdade. Fora que você até hoje se entregou muito pouco aos mimos que já tentei te fazer, digamos que você seja meiga como um tijolo.
- É, parecia que a gente estava começando a não se encaixar tanto mais. Pelo menos eu estava achando.

Capítulo 8

A gente não estava bem. Eu achei que tinha encontrado a pessoa perfeita para as minhas imperfeições, mas, com o tempo, mesmo sem querer, Pedro se revelou outra pessoa, com opiniões, atitudes e, às vezes, até reações que eu nunca imaginaria que ele teria. E eu me perguntava: “Será que ele mudou ou sempre foi assim e eu nunca percebi?”.

Pedro e eu brigamos, mas foi uma briga diferente das outras, envolvendo coisas maiores e mais profundas do que uma briguinha qualquer. Na verdade, ele fez a pior coisa que poderia fazer comigo – e ele sabia disso. Vou tentar resumir a história.

Eu nunca fui de fumar. Só em raras exceções, quando bebia, mas era coisa de uma, duas vezes por ano, até porque não éramos muito de sair à noite. É que o cigarro sempre foi um bom companheiro nos momentos em que apenas a bebida ou o silêncio não preenchiam o vazio da ansiedade. E Pedro sempre soube disso, e às vezes até fumava comigo. E não que isso seja algo bonito de contar, mas, infelizmente, esse detalhe faz parte da história.

Era noite de sábado e estávamos num bar com um grupo de amigos bebendo cerveja artesanal e comendo o bolinho de bacalhau, e conversa vai, conversa vem, Pedro levantou para ir ao banheiro e, quando voltou, me viu fumando um cigarro, e, só pelos movimentos dos olhos percebi que estava “insatisfeito”. Ele nunca tinha me lançado esse olhar de desaprovação daquele jeito, mas relevei, e continuei bebendo e fumando, sem pressa. Quando voltei, sentei ao seu lado, coloquei a mão carinhosamente na sua perna e perguntei:

– Aconteceu alguma coisa?

– Não, não... – respondeu, claramente chateado.

– Aconteceu algo que eu sei, me diz... – insisti, sabendo que as primeiras respostas dele são sempre qualquer coisa menos o que ele gostaria de dizer, respirei e insisti mais um pouco:

E, como um caminhão que descarregava seus entulhos num pátio vazio, ele desandou em falar:

– Eu não quero mais que você fume.

Na hora, não esbocei nenhuma reação, mas fiquei em choque: “Sério que isso está acontecendo? Pedro me cobrando, tolhendo a minha liberdade?”.

– Ta bom, não vou acender mais nenhum cigarro! Depois a gente fala com calma, em casa – falei, para não criar nenhum atrito ali.

Ficamos mais um tempo no bar, mas o humor dele não melhorou, parecia que estava ofendido. Cheguei a pensar que ele estava criando algum atrito besta só para eu me cansar e terminar com ele... minha cabeça foi a mil, mas não era o perfil do Pedro ser assim tão covarde. Se ele quisesse terminar, que assumisse suas vontades. Pelo menos eu sempre esperei isso dele.

Na casa dele, começamos uma discussão na cozinha, e o tom de voz foi aumentando, e nós dois confiantes de que estávamos certos, ainda que a minha certeza fosse radicalmente contrária à dele. Até que ele encheu a boca:

– Eu nunca casaria com você sendo fumante!

Ao ouvir aquilo, fiquei paralisada, como se o meu mundo tivesse virado de cabeça pra baixo. Meu coração apertou, a garganta fechou e aquele frio na espinha fez voo sem escala. E o que mais me entristeceu, ou potencializou a tristeza que já sentia, foi que eu já havia ouvido isso mais de uma vez, de outros caras com quem me relacionei, mas nunca imaginei ouvir isso do Pedro, o que mexeu comigo de uma forma que nem ele poderia dimensionar.

Era como se ele gostasse que eu fosse louquinha, divertida, tatuada, mas... mãe dos seus filhos? Nunca! Como se eu fosse uma ótima pedida para uma aventura, algo passageiro, nunca para um amor da vida toda. Como ouvir isso e não me sentir sozinha na relação – seja ela como for? Triste, perdida e com uma dor no peito que parecia não ter fim, saí correndo da casa dele, me perguntando o que havia de errado comigo. Estava tão desnorteada que não percebi, num primeiro momento, que, se havia algo de errado, não era comigo, mas com ele.

Alguns dias se passaram e, para o Pedro, tínhamos tido só uma briguinha de fim de semana, mas, para mim, a magia havia se despedaçado. Ele me conheceu falando alto, fazendo valer minha opinião, e sempre soube que eu era assim, me aceitava e, mais, me elogiava por ser assim, autêntica, forte, segura, ainda que eu tivesse minhas fragilidades. Mas parece que ele tinha

cansado.

Não tinha sido somente uma discussão, ali ele tinha revelado coisas que nunca haviam passado pela minha cabeça. Ele estava querendo me mudar e deixou claro que, se eu não mudasse, não teríamos futuro juntos. Pedro nunca deixou de ser um cara legal, mas, de olhos mais abertos, comecei a ver nele preconceitos, opiniões e posturas que eu nunca imaginei que ele teria.

Eu sei que o homem por quem eu era tão apaixonada nunca foi perfeito. Sempre soube dos seus defeitos, mas, em vez de questionar, procurava aceitá-los, conviver com eles. Mas, como ele revelou nessa discussão, ele não. E viver em um relacionamento em que o outro não te aceita é morrer aos poucos.

Faz uns dias, não estou legal, não me sinto bem. Estou morrendo de saudade, mas sei, no fundo eu sei, que ele nunca vai mudar. E se eu o desculpar, e ele ganhar confiança e achar que a nossa discussão foi mesmo só uma briguinha? Não foi. Perdi um amor? Não sei. Mas preciso cortar esse mal pela raiz, antes que eu não saiba mais como lidar comigo. E, na dúvida, prefiro viver sozinha do jeito que eu sou do que viver a dois do jeito que ele quer que eu seja.

Capítulo 9

– É seu Jair, a situação está difícil mesmo. Por isso vim aqui avisar que não vou conseguir vir aqui por um tempo, para a gente acabar nossa pintura juntos.

– Puxa, Mariana, que pena. Estava tão bom nosso trabalho. Mas eu sinto muito por toda a sua situação. Acabou mesmo seu namoro com o Pedro?

– Acabou sim. Não consigo ficar com alguém que não me aceite do jeito que eu sou. Eu ainda gosto muito dele, mas não dava mais.

– Entendo... E seus quadros? Está conseguindo vender?

– Esse é o outro problema, seu Jair. Eu estou praticamente sem dinheiro, e isso está me deixando péssima. Eu até abri um pequeno site pra vender as minhas obras e ganhar um trocado, mas ainda não vingou. Acho que preciso de um pouco mais de paciência...

– É filha, o Brasil não é um país que valoriza a arte, é uma pena. – disse ele tossindo muito. E engatou em um acesso de tosse que até me assustou. Fui buscar um copo de água para ver se ele acalmava.

– Tudo bem, seu Jair?

– Ah, sim... Quer dizer, minha saúde não está muito boa, mas vamos levando...

– Mas o senhor foi ao médico?

– Ah, fui no posto de saúde, não tenho dinheiro para consulta particular, você sabe. Marcaram uns exames, mas ainda demora um pouco. Sabe como é né? Serviço público...

– Falta de dinheiro é uma droga! Parece que tudo gira em torno disso! O pior é que não vai ter jeito, eu vou ter que voltar para a casa dos meus pais, porque não acho certo ficar morando na casa da minha amiga e não contribuir com nada. Minha situação está horrível: voltar para casa dos pais com o rabo entre as pernas, por falta de opção, e ainda ter que dar razão a eles por eu não ter uma carreira “decente”. E ainda por cima com o coração totalmente destruído.

Me despedi do seu Jair preocupada com a situação da saúde dele, e, por um momento me enxerguei em sua pele. Será que era esse o futuro reservado aos

artistas mesmo? Não ter dinheiro nem para tratar da saúde decentemente? E saí me sentindo triste e solitária, observando que minha vida estava uma droga, minha carreira não tinha deslanchado, que a minha relação com Pedro não funcionava, e que a minha relação com a minha família nunca tinha saído da pista de decolagem.

Eu era um fracasso.

Voltei para casa dos meus pais e a verdade é que caí em depressão. Nos dias que se seguiram, eu só queria ficar sozinha, no silêncio do meu quarto, com a janela fechada, deitada na cama, olhando para o teto e chorando. Eu pensava nas coisas que aconteceram nas últimas semanas e sentia uma angústia que gritava dentro do meu corpo. Minha família, felizmente, me respeitou nesse momento. Na verdade, não sei se de fato eles me deixaram quieta por me respeitarem ou por não se importarem com o meu estado... enfim.

Deitada no meu quarto, entre os travesseiros, um deles, obviamente, entre as minhas pernas, e ouvindo música no último volume para não ouvir as conversas previsíveis dos meus pais na sala enquanto assistiam a algum programa também previsível, fiquei pensando o que fazer da vida. Mesmo tendo dito adeus ao Pedro, não estava sabendo muito bem o que fazer. Mas, pelo menos, nesse período, não queria pensar nele, e sim em mim. Aos poucos fui me afastando das minhas amigas, e ficando cada vez mais em silêncio, do meu recolhimento. Parecia que eu tinha voltado a ser como eu era quando criança, na solidão e quietude. Eu adorava brincar sozinha quando pequena, e passava horas dessa maneira.

Alguns meses haviam se passado, e o Pedro ainda continuava atrás de mim, como se voltar fosse uma opção para ambos. Me ligava, mandava mensagens longas e cheias de belas palavras, dizendo que gostaria de jantar comigo. Mas eu precisava ser forte e seguir em frente. Nosso relacionamento já não existiria mais.

A verdade é que eu não queria magoá-lo, pois tenho um enorme carinho por ele, mas tive de tomar uma decisão. Ele estava se tornando insistente e repetitivo, e ele precisava seguir a vida, levantar a cabeça. Correr atrás de mim dessa maneira não era justo conosco. Eu não iria voltar para ele, e vê-lo

assim me dava uma sensação péssima.

Mas a verdade é que o silêncio é sempre uma conversa com a nossa parte mais madura, e, aos poucos, fui percebendo que eu devia estar fazendo algo muito errado na minha vida. Porque, na verdade, vi que era muito, mas muito parecida com a pessoa que eu mais criticava: meu pai! Eu queria as coisas do meu jeito na vida, e brigava sempre para elas serem como eu pensava. Se as coisas não aconteciam como eu queria, eu largava para trás como um solene “foda-se!”. Mas tudo estava dando muito errado.

Droga! Eu não queria ser como meu pai! Nunca! Eu precisava mudar tudo na minha vida. Eu precisava aprender a ceder. E para as coisas mudarem, eu precisava começar por mim. Resolvi sair da minha reclusão e conversar com quem estava perto de mim e era muito, mas muito diferente do meu pai. E que sabia ceder como ninguém.

Minha mãe.

Capítulo 10

Foi no dia que eu estava no sofá da sala, pertinho do abajur colorido que a minha mãe adora, comendo um lanche e vendo um filme que já tinha tentando assistir várias vezes, mas nunca conseguia terminar, que algo inusitado aconteceu e me fez tomar uma atitude que acabou mudando várias coisas na minha vida. Perguntei para minha mãe assim, sem mais nem menos:

– Mãe, a senhora é feliz?

– Como é que é, Mariana? Que conversa é essa?

– É isso mesmo. A senhora é feliz na sua vida?

– Ah... que pergunta... Mas eu sou sim, sabia?

– É?

– Sou. Eu tenho uma família, uma casa confortável, um marido que é meio durão mas que me respeita, todo mundo tem saúde, e eu gosto muito de cuidar de todos. Minha família foi bem complicada, passaram fome, não tinha lugar direito para todo mundo. Mas a minha vida foi bem diferente. Eu sempre quis ter uma família e cuidar dela, e isso acontece. Gosto muito de cozinhar, de deixar a casa em ordem, de fazer meu marido feliz...

– E a senhora nunca quis ter uma profissão, trabalhar fora?

– Ah, Mariana, eu não tive chance de estudar, mas graças a deus consegui, eu e seu pai, proporcionar para você e seu irmão isso. Então fico feliz de cumprir bem minha “profissão” de dona de casa. Sou “do lar”, como dizem, mas sou bem feliz assim, porque é uma coisa que eu gosto.

– Entendi, mãe. Acho que a senhora está certa.

Conversando ali com ela, achei que talvez eu estivesse bem errada nas minhas decisões de vida, nas minhas convicções, com tantos sonhos grandes, tantas ambições... e tantas frustrações. E se eu baixasse minhas expectativas e comesse pequeno tudo de novo?

Minha mãe vivia bem no casamento dela, com uma vida muito mais simples. Talvez esse fosse o segredo: simplicidade. Eu, que tanto critiquei minha mãe, agora estava pensando em seguir o exemplo dela. Vamos ver no que dava e se eu estava mesmo tão errada.

A partir daquele papo, resolvi que ia fazer tudo diferente. E fiz. Mudei tudo. Tudo mesmo. Cortei meu cabelo, deixei ele liso, e pela primeira vez na vida parei de usar óculos e comecei a usar lente de contato! Nossa, eu era outra! Arrumei um emprego possível que me dava um dinheiro e resolvi começar tudo de novo. E fui trabalhar em uma empresa como secretária júnior, em uma vaga que me aceitou. Minhas roupas precisaram também ficar mais comportadas, já que para trabalhar em um escritório não é possível ir com tinta na roupa, mas já que era para mudar, vamos de cabeça. Isso era eu.

Depois de alguns meses, minha vida parecia entrar nos eixos. Minha conta bancária voltou a existir, eu ganhei uma pequena promoção e um aumento, as brigas em casa passaram a rarear até quase não existirem mais – até por conta de eu estar fazendo algo que meus pais acreditavam ser certo – eu tinha uma autonomia bem maior na minha vida, e tudo pareceu estar mais equilibrado e saudável.

Meu emprego era muito chato, uma droga para dizer a verdade, a coisa mais entediante e sem graça da face da Terra. Eu estava feliz? Não. Pintar era muito mais prazeroso e satisfatório. Mas aquilo estava me proporcionando muita coisa boa, não podia negar. E acho que era aquilo que maturidade significava. Voltei a me encontrar com minhas amigas, paguei o que fiquei devendo à Poliana (que me salvou com empréstimos durante o período que fui sua hóspede), comprei roupas novas e até consegui guardar um pouco de dinheiro. Quem diria, Mariana!

Com tudo mais equilibrado, achei que já conseguiria dar atenção de novo para os relacionamentos. E resolvi baixar um daqueles aplicativos para conhecer pessoas, que eu sempre tinha ouvido falar, mas nunca experimentado. Eu não queria conhecer ninguém para nada sério, é fato, mas sei lá o que me deu. Talvez eu só quisesse alimentar meu ego, escolher as minhas melhores fotos e me sentir bonita. Quem nunca?

Na minha cabeça, ficava ecoando em alto e bom som, e em *looping* infinito: “*Eu baixei um aplicativo de relacionamento, eu baixei um aplicativo de relacionamento!*”, e eu ficava até me acusando: “Nossa, mas eu, Mariana, que sempre tive atitude para chegar nos homens, fazendo isso? Eu, Mariana,

que sempre fui tão descolada e bem resolvida? O que é isso? O que está acontecendo?”.

A resposta é que agora eu era diferente mesmo, e eu me consolava dizendo que iria só experimentar e, se não desse certo, depois ele deletava. A essa altura, eu já havia baixado o aplicativo, cadastrado os pré-requisitos básicos, lido todos os termos possíveis, preocupadíssima para não postarem nada nas minhas redes sociais, e pronto. Eu estava em um sistema para conhecer pessoas – puta merda! Na verdade, estava me sentindo engraçada. Eu, que sempre fui tão cabeça aberta, agora tinha receio de algo tão simples? Não sei por quê, mas passei por cima da minha vergonha, do meu leve preconceito e fui em frente.

Entrei, escolhi algumas fotos que mostravam um pouquinho de mim, mas não entregavam o ouro, não escrevi nada nos campos sobre mim, coloquei só o meu primeiro nome e deixei tudo com um certo ar de mistério.

De início, foi divertido, vários homens curtiram minhas fotos – confesso que funcionou muito bem para levantar, de leve, minha autoestima, o que foi ótimo –, rolaram alguns com papos estranhos, apareceram uns caras com fotos estranhas, algumas obscenas (argh!), e alguns puxavam conversa e sumiam. Nada de muito interessante, no máximo divertidinho, no diminutivo mesmo. Até que um cara, com fotos desfocadas (o mesmo recurso que eu usei), uma na praia, em que parte de seu rosto, com um sorriso, aparecia em um canto, e outra na qual ele corria com um cachorro, despertou minha atenção. Como eu faria na vida real, resolvi demonstrar meu interesse e, por sorte, ele correspondeu.

– E aí, Mariana?!

– Oi Henrique

– Tudo bem???

– Tuuudo e aí?

Multipliquei as vogais para parecer menos grosseira, hehe!

– Tudo certo! O que faz da vida?

– Gosto de viajar, por mais que não tenha viajado muito, não gosto de homens sem atitude, não como carne e me aventuro na arte, vivendo, sempre que possível, com os dedos sujos de tinta... e você?

– Ah, que legal! Sou veterinário, digamos que, sempre que possível, eu seja o segundo pai dos animais e esteja com as roupas cheias de pelos

;)

– Que legal! – papo protocolar, sabe como é...

– Deixa eu te fazer uma pergunta um pouco atípica e um pouco fora dos padrões hehe. Eu adoro tatuagens, você tem alguma?

Putz, eu pensei. Agora ferrou. Vão começar os encaixes...

Capítulo 11

Depois que eu e o Henrique conversamos pelo aplicativo, ele pediu meu número e passamos a conversar por WhatsApp. Trocamos algumas fotos e nos achamos interessantes, e resolvemos conversar por webcam. E marcamos de nos encontrar para um jantar.

Nosso encontro foi ótimo, muito agradável, conversamos muito, até que eu pedi licença porque iria até fora do restaurante, um minutinho.

– Onde você vai?

– Ah, vou lá fora fumar um cigarro.

– Ah não! Cigarro? Você fuma?!?

– É... fumo às vezes. E agora me deu muita vontade.

– Ah não, eu não suporto cheiro de cigarro, fumaça, cabelo com cheiro! Você não se incomoda não? E, além de tudo, eu tenho asma. Não consigo nem ficar perto.

De repente, eu lembrei que eu precisava aprender a ceder. E que aquela era uma ótima oportunidade para começar.

– Tudo bem, Henrique. Não vou fumar não.

– Puxa, obrigado! Nossa, você deve ser incrível! Vai fazer isso por mim mesmo?

– Vou!

Ele ficou muito feliz e eu também fiquei, por deixar ele feliz. Era uma sensação estranha, mas nova, e boa também. *Muito bem, Mariana! Aprendendo a ser adulta!*, pensei.

Naquele dia, não transei com Henrique, apesar de ele e eu querermos, e de eu estar morrendo de tesão. Achei que deveria segurar um pouco, mudar, fazer diferente. Mas nos beijamos, e no fim de semana seguinte, em que nos encontramos, tivemos nossa primeira transa, e foi muito boa. Acabei dormindo no apartamento dele. No dia seguinte, quando acordei, ele não estava do meu lado, mas logo percebi que tinha ido para o chuveiro.

– Oi Henrique, bom dia! – gritei do lado de fora, para ele saber que eu tinha acordado.

– Bom dia, Mariana! Faz um favor?

– Claro!

– Vai na cozinha e prepara um café para a gente? Está tudo no armário em cima da pia.

– Tudo bem – falei, achando que seria gentil atender.

– Olha, tem ovo na geladeira, faz mexido. Eu gosto de dois. E tem laranja na fruteira, faz um suco no espremedor, que está no balcão.

Ops!

– OK! – achei aquilo meio “autoritário”, mas concordei. Afinal, o que é que custava, não é?

Preparei tudo como ele me pediu e tomamos um café da manhã bom, conversando sobre amenidades.

Depois de três semanas de relacionamento, combinamos de ir ao teatro. Henrique passou para me pegar em casa, e assim que eu entrei no carro, ouvi algo que foi como um soco no estômago para mim.

– Mariana, essa blusa está muito decotada! Você não vai assim, não é?

– Henrique!! O que é que tem?

– Como, o que é que tem? Você está comigo! Não precisa ficar se mostrando para os outros. Você se importa de trocar?

– Mas Henrique, eu n... – neste instante, eu me lembrei que estava em pleno exercício de aprender a ceder, de atender aos outros e ser menos autoritária e impor tudo o que eu queria, e resolvi entrar em trocar a blusa.

Mas eu não me senti nada bem.

Dormi aquela noite na casa de Henrique, e, na manhã seguinte, ele começou a implicar pela centésima vez com as coisas que eu fazia, com meu jeito de ser, com minhas ideias e com o que eu pensava, usava e queria. E eu já ia

respondendo, no meu novo mantra de ser flexível:

– Tudo bem Henriq..

Mas, de repente, uma outra luz se acendeu. Aquilo também não estava certo. Eu me vi me anulando completamente, em nome de aprender a ceder, mas eu não estava sendo eu. Ele era um cara legal, mas eu não precisava fazer aquilo para segurar um relacionamento. Não era assim, não podia ser assim.

– Tudo bem não, Henrique... Tudo mal!

– O quê?

– Olha, você é uma ótima pessoa, tudo é muito bom, mas não dá. Eu não consigo forçar que está tudo ótimo, que eu concordo com as coisas que você me pede, abrindo mão TANTO assim das minhas convicções, só para não brigar com você e te agradar. Tudo bem que a gente tem que ser maduro, ter inteligência emocional, e tudo, mas as coisas têm que ter um limite. E o meu chegou. Beijos!

Capítulo 12

Saí da casa do Henrique e a primeira coisa que fiz quando entrei no táxi foi arrancar as lentes de contato dos meus olhos, jogar no lixo do carro (eram descartáveis, calma) e colocar meus óculos, que estavam descansando fazia um bom tempo dentro da minha bolsa.

Nossa, que alívio! Senti que, de alguma maneira, eu voltava a ser eu. Não totalmente o eu de antes – que estragou tudo com Pedro, com a família e com a carreira – mas talvez um eu renovado, que tinha experimentado uma nova condição extrema, e agora estava pronta para um novo equilíbrio. Se eu não queria ser meu pai e mudei tudo, eu também não queria ser minha mãe! A gente não precisa ceder em tudo em nome do outro e nem precisa se anular para fazer o outro feliz. Eu estava começando a entender o caminho do meio.

Desci do carro e assim que entrei em casa, meus pais e meu irmão estavam na sala, com uma cara de tristeza que eu nunca tinha visto.

– O que aconteceu?

– Mariana, temos uma notícia triste pra você.

– O que foi, pelo amor de deus?

– O seu Jair...

– Ah não...!!! Não me diga que ele...

– Sim, Mariana. Infelizmente, ele faleceu. A sobrinha dele passou aqui e avisou! O enterro é daqui a uma hora, a gente estava tentando te avisar pelo celular, mas você não atendia.

– Acabou minha bateria! Droga! Vou voar para lá.

– A gente vai também – meu pai falou.

– Vocês vão? – me espantei.

– Sim. A sobrinha foi muito educada, agradeceu muito por você ter feito companhia a ele nesses anos... Achamos que precisamos ir.

– Então corre, senão a gente perde o enterro!

Chegamos no cemitério quase na hora que o cortejo estava saindo. O velório estava se encerrando, mas ainda deu tempo de cumprimentar a sobrinha do seu Jair.

– Mariana, muito obrigada pelo que você fez pelo meu tio. Ele era teimoso, turrão, queria morar sozinho, a gente insistia para ele vir viver com a gente na nossa cidade, mas não tinha jeito. Ele queria ficar no cantinho dele. Mas a sua companhia foi importante, ele falava muito de você.

– Puxa, nem deu tempo de eu ir visitá-lo uma última vez – eu disse, com tristeza.

– Ele estava doente, Mariana. Bem doente. A gente só soube depois.

– Eu sabia, só não sabia que era grave assim, a ponto de...

Ela aproveitou que eu não conseguia continuar, e me falou:

– Olha, eu queria entregar uma coisa a você. Eu nem tinha certeza que você viria, mas trouxe para cá, porque achei na casa dele antes de vir para o velório.

Ela foi até um canto do salão e pegou um pacote enorme, em forma de rolo. Eu já sabia o que era.

– Tinha um bilhete aqui pra você: “Entregar para Mariana”. Acho que ele já sabia que ele...

Eu comecei a chorar e peguei o pacote e o bilhete. Meus pais se aproximaram e eu fui abrindo o envelope para ler, e fiz isso em voz alta, para eles também.

Mariana querida,

Tomei a liberdade de completar nosso quadro. Achei que você não teria tempo, com tanta coisa acontecendo na sua vida. E eu sei que não tenho muito tempo mais também, mas esse foi um dos projetos que mais me deu prazer, porque fizemos juntos.

Mas eu quis terminar para você ver que é possível combinar estilos diferentes. Dá certo! O resultado fica bom. E também quis terminar para não largar inacabado, para não desistir do nosso quadro, para poder dizer a você para também não deixar nunca a arte de lado,

porque você é muito talentosa. E para dizer que você também não deve desistir da arte, da pintura. Dê um jeito, mas volte! Não desista!

Com carinho,

Jair

As lágrimas caíam dos meus olhos sem que eu pudesse pará-las. Quando olhei para meus pais, vi que eles também estavam emocionados, para meu espanto. Abri o papel que envolvia o quadro e mostrei para eles.

– Está muito bonito, Mariana – meu pai falou, enxugando uma lágrima.

E eu tomei um susto, pois foi a primeira vez que ele elogiava uma obra minha!

– Puxa, obrigada pai! – respondi.

– Olha Mari, eu sempre achei sua arte muito bonita. A do seu Jair também. Mas você precisa entender que eu queria que você aprendesse a honrar suas contas, seus compromissos. Desculpe meu jeito bruto, mas é como eu sei ensinar isso.

– Ah pai! Desculpe o meu jeito também!

E, pela primeira vez na vida, eu o abracei! E ele retribuiu!

Abracei também minha mãe e meu irmão. Não sei se aquilo se repetiria, ou se só aconteceu pela emoção do acontecimento. Mas para mim já tinha valido por todos os abraços da vida, e por, finalmente, poder sentir um gesto de carinho e afeto da minha família.

Capítulo 13

Uns tempos se passaram, mas o dia do enterro do seu Jair ficou na minha memória, pois foi muito especial para mim e para a minha família. A morte dele, aliás, mexeu comigo de uma maneira muito especial, assim como todos os últimos acontecimentos da minha vida.

Aquele bilhete, aquele quadro – que agora estava pendurado sobre a minha cama – me fizeram pensar muito e refletir sobre o que fazer da minha vida daquele ponto em diante. Se agora eu tinha dinheiro e um emprego estável, e tudo estava equilibrado por um lado, por outro eu estava infeliz, pois trabalhar como secretária não queria dizer nada. Faltava a arte, a pintura na minha vida.

Porém, minha condição anterior também não era boa, quando eu apenas pintava. Eu precisava conciliar as duas coisas. Só que eu já tinha uma ideia de como resolver aquilo. Liguei para minha amiga Poliana, que era professora de matemática.

– Oi Poli, tudo bem?

– Oi Mari, como você está? Menos triste depois de tudo?

– É, com o tempo a gente vai se acostumando, mas eu vou sentir muita falta dele.

– Eu imagino. Você voltou a pintar?

– Sim, voltei, mais como terapia até.

– Que bom. Isso faz bem pra você.

– Poli, eu te liguei porque estava pensando aqui uma coisa. Você dá aulas de matemática em uma escola, não é?

– Sim, no ensino médio.

– Por acaso não estão precisando de uma professora de artes lá?

– Olha! Adorei sua ideia, Mari! Eu vou perguntar agora mesmo. E se não tiver na minha escola, eu conheço várias outras em que a gente pode oferecer seu trabalho.

De repente, a outra linha do celular começou a tocar.

– Poli, eu te ligo daqui a pouco. Tem outra ligação aqui!

– Tá bom! Beijo!

Fui verificar quem era e... para minha surpresa, era o Ricardo! O *marchand* que, fazia muito tempo, tinha uns quadros meus com ele, para tentar vender. Atendi.

– Alô, Ricardo?

– Oi Mariana, tudo bem?

– Que surpresa! Quanto tempo.

– Pois é! Uma surpresa pra mim também, sabe por quê?

– O que foi?

– Vendi um quadro seu!

– Mentira!!

– Juro.

– E o comprador faz questão de conhecer você pessoalmente. Você pode vir aqui amanhã, na hora do almoço, na galeria?

– Nossa, que coisa inusitada! Posso sim. Meio-dia está bom?

– Está sim. Esperamos você. Aí eu já te entrego o cheque, inclusive.

– Poxa, que maravilha!

– Beijos!

– Beijos, até amanhã!

Ao desligar aquela ligação, senti uma energia diferente. Era uma sensação diferente, mas incrivelmente familiar. Parecia que eu estava voltando a ser... eu!

Capítulo 14

Já estava perto da hora de sair para ir até a galeria de Ricardo, o *marchand* que tinha vendido um quadro meu, e vi que um temporal caía lá fora. Peguei meu guarda-chuva listrado e saí para a rua, para ficar esperando o Uber chegar no lugar marcado.

Cheguei com dez minutos de atraso, e já fui me desculpando com ele e culpando o trânsito, que piora muito nos dias de chuva.

– Não tem problema, Mariana. O comprador também acabou de chegar.

– Ah, que ótimo que eu não fiz ele esperar tanto tempo.

– Olha, aqui está o cheque. Falei para ele fazer um depósito, mas o cara fez questão de pagar dessa maneira – ele me falou, entregando um envelope, que eu pus na bolsa sem nem ver o valor. Era um acontecimento tão inusitado que qualquer dinheiro que entrasse com aquele quadro seria menos relevante do que o fato de eu ter *vendido* uma obra.

– Obrigada Ricardo! Puxa, que bom! E onde está o tal comprador?

– Ah, está na sala do fundo, vendo os outros quadros expostos. Vai até lá e fala com ele.

– Tá bom.

Deixei minha bolsa e meu guarda-chuva na cadeira ao lado da mesa de Ricardo e me dirigi ao fundo da galeria. Quando cheguei lá, um homem estava lá, em pé diante de um quadro e de costas para mim. Mas ele ouviu meus passos e se virou.

– Você?!

– Oi Mariana!

Eu não sabia se ficava feliz ou espantada. Ou se me sentia um pouco enganada.

– Você comprou meu quadro?

– Comprei.

– Por que você fez isso?

– Porque eu queria sua arte. Porque eu queria te ver. Porque eu queria você.

– Putz...

- Putz?
- Putz sim...! Eu também queria te ver.
- Só?
- Não, eu também queria você.

Ele veio andando na minha direção, me pegou pela cintura e me beijou. E foi como o nosso primeiro beijo. Não. Foi melhor. Porque eu sabia que existia um jeito da gente ficar junto.

– Fica comigo, Mariana? Eu prometo que não vou tentar mudar o seu jeito de ser. Porque eu adoro seu jeito. Cada pedaço dele, cada loucura sua.

– Fico! Eu prometo que vou saber ceder também. Não vou exigir que você seja perfeito, porque eu não sou. Não dá pra ser inflexível.

– Sim Mari, vamos ser flexíveis!

– Vamos! Um grande amigo meu me ensinou que é possível combinar estilos. É só saber se adaptar. Ele me mostrou na prática que dá certo sim. E é exatamente por termos esses estilos diferentes que o resultado final fica interessante!

– Tenta combinar comigo então?

– Já estou tentando!

E ele beijou meu sorriso, de um jeito que só o Pedro sabia fazer.